

## A higienização dos costumes

Diana Gonçalves Vidal

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

Escrito como tese de doutorado, defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 2001, *A higienização dos costumes*, de autoria de Heloisa Helena Pimenta Rocha, traz um rico inventário das práticas sanitárias e higiênicas disseminadas pelo Instituto de Hygiene de São Paulo, entre 1918, data de sua fundação, e 1925, momento em que a promulgação da Reforma do Serviço Sanitário criou os centros de saúde e instituiu o curso de educadores sanitários, deslocando da política sanitária para a educação sanitária o eixo das intervenções em saúde pública, como assevera a autora na Introdução.

Dividido em quatro capítulos, o livro discorre inicialmente sobre a cidade de São Paulo, perscrutando o surgimento de instituições científicas voltadas à racionalização do espaço urbano. Às imagens da urbe gestadas por cronistas e memorialistas justapõe estratégias de intervenção dos poderes públicos, com o propósito de disciplinar a vida cidadina. A seguir, debruça-se sobre os primeiros momentos da criação do Instituto de Hygiene, revelando a importância da Fundação Rockefeller na construção do modelo de intervenção social por ele adotado. O terceiro capítulo esmiúça as práticas de saúde implementadas, dando destaque à ação do Instituto na formação de normalistas e educadoras sanitárias. A fotografia aparece, aí, como importante recurso para disseminação da política sanitária. Por fim, o quarto capítulo detém-se nos vínculos entre educação e propaganda higiênica estabelecidos nos anos 1920. Cartazes, cartões-postais e cartilhas são examinados pela autora, buscando discernir as múltiplas maneiras de difusão dos ideais sanitários e de constituição de práticas de saúde.

A análise chama a atenção pela amplitude e profusão das fontes manuseadas por Heloisa Rocha. Desfilam diante do leitor a documentação textual das bibliotecas das Faculdades de Saúde Pública e de Educação da USP e do Centro do Professorado Paulista, além de documentos do Arquivo do Estado de São Paulo, com realce para os relatórios da Fundação Rockefeller e o material didático elaborado pelo Instituto de Hygiene. O vasto acervo fotográfico do Centro de Memória Iconográfica da Faculdade de Saúde Pública, reunindo em torno de 3.500 imagens, também se faz presente em incontáveis reproduções que, mais que ilustração, funcionam como argumento na lavra da autora.

O quadro conceitual recorre aos aportes de Roger Chartier e Michel de Certeau, na configuração das práticas sanitárias como *práticas culturais*, tanto no que concerne à sua compreensão no âmbito das representações concorrentes sobre saúde e higiene disseminadas nas primeiras décadas do século XX por diversos agentes sociais, quanto na sua percepção enquanto táticas de consumo do modelo cultural imposto pelas estratégias do poder. A ênfase sobre a racionalização e disciplinarização social vê-se assim matizada pelo confronto às apropriações criativas realizadas pelos sujeitos.

Se o estudo evidencia a ação dos *homens de ciência*, como quer Heloisa Rocha, na conformação de saberes sobre higiene e saúde, que invadiram as esferas pública e privada e se materializaram em uma grande profusão de impressos; dá também visibilidade às *mulheres de ciência*, normalistas e educadoras sanitárias que adentraram no universo das escolas e das famílias, propondo novas práticas higiênicas e sanitárias.

No primeiro caso, são particularmente interessantes as questões levantadas pelo estudo da Cartilha de Hygiene, de dr. Almeida Jr., publicada em 1923. As ilustrações e as lições do livro são escrutinadas por Rocha, com destreza e sensibilidade, articulando o trabalho do médico à atuação do educador que, entre 1936 e 1938, assumiria o cargo de Diretor de Ensino da Secretaria de Educação e Saúde Pública de São Paulo. No segundo caso, o curso de formação oferecido pelo Instituto às professoras na ativa e a introdução de atividades na Escola Normal, bem como o exercício diário das educadoras sanitárias, são descritos com riqueza de detalhes. O uso de material fotográfico e a narrativa simples e precisa aproximam o leitor de práticas pretéritas e permitem-lhe acompanhar com minúcia as ações implementadas e vislumbrar as resistências sofridas por parte da população escolar e urbana à imposição de novos hábitos culturais.

O livro é de leitura imprescindível àqueles que se dedicam a compreender a história das transformações urbanas em São Paulo, das práticas escolares, das políticas públicas de saúde e educação e dos impressos escolares. Mas é também fundamental a quem se interessa pela história do cotidiano escolar e urbano e das relações que eles tecem mutuamente.

Endereço para correspondência:  
E-mail: dvidal@usp.br

Sobre a autora:

**Diana Gonçalves Vidal** é livre-docente em História da Educação (USP), professora de História da Educação, coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação (NIEPHE) na mesma faculdade e presidente da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE).